

Campus Realengo
Graduação em Fisioterapia

As vozes da Ocupação Estudantil: debates
e reflexões sobre os determinantes sociais
da saúde entre ocupantes de Instituições de
Ensino Superior brasileiras em 2016

Gabriele Falzoni da Cruz Simões

GABRIELE FALZONI DA CRUZ SIMÕES

AS VOZES DA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL: DEBATES E REFLEXÕES SOBRE OS
DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE ENTRE OCUPANTES DE INSTITUIÇÕES
DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS EM 2016

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do
curso de Fisioterapia do Instituto
Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Fisioterapia.

Orientadores:

Profº Ms. Michelle Guiot Mesquita

Profº Dsc. Adriana Ribeiro de
Macedo

Rio de Janeiro

2020

GABRIELE FALZONI DA CRUZ SIMÕES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.

Elaborada por Alane Elias Souza

Bibliotecária - CRB 7 n° 6321

|

S593

Simões, Gabriele Falzoni da Cruz.

As vozes da ocupação estudantil: debates e reflexões sobre os determinantes sociais da saúde entre ocupantes de instituições de ensino superior brasileiras em 2016 / Gabriele Falzoni da Cruz Simões, 2020.

41f.

Orientadora: Michelle Guiot Mesquita.

Co-orientadora: Adriana Ribeiro de Macedo.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Fisioterapia) – Instituto Federal do Rio de Janeiro, 2020.

1. Determinantes sociais de saúde. 2. Instituição de Ensino Superior. 3. Movimento estudantil. 4. Ocupação. I. Instituto Federal do Rio de Janeiro. Campus Realengo. II. Mesquita, Michelle Guiot. III. Macedo, Adriana Ribeiro de. IV. Título.

COBIB/CReal

CDU 615.8

AS VOZES DA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL: DEBATES E REFLEXÕES SOBRE OS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE ENTRE OCUPANTES DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS EM 2016

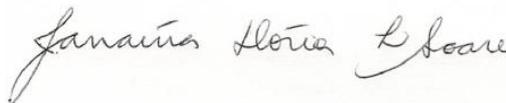
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Fisioterapia do Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Fisioterapia.

Aprovado em 02 de julho de 2020.

Banca Examinadora



Prof. Ms. Michelle Guiot Mesquita (Orientador)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)



Prof. Dsc. Janaina Dória Libano
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)



Prof. Ms. Luana Luna Teixeira
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Agradecimentos

Inicio agradecendo a todos os meus professores, aqueles que me acompanharam em algum momento durante a minha formação enquanto pessoa, na escola Municipal Leonor Mendes de Barros, Escola Estadual Benedito Calixto e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Ao falar dos professores, também não poderia deixar de lembrar daqueles que além da docência, exerciam e exercem a função de pais. Luís Antônio e Claudia Falzoni, que são os grandes responsáveis tanto pelo incentivo ao estudo, quanto pela possibilidade de manutenção fora do nosso estado para que fosse possível cursar uma instituição pública de ensino superior. Obrigada por terem aceitado essa aventura, terem se “apertado” e feito das tripas coração para custear nossa moradia e alimentação nesses 5 longos anos. Conseguimos!!!!

Ao Waldyr Petrovics, meu “mentor espiritual”, que sempre rezou por mim e foi o grande responsável pela manutenção da minha fé durante essa caminhada, obrigada por ter entrado em nossas vidas!

Agradeço também aos meus avós Maria Elisa Falzoni, Pedro Amaral, Lucy da Cruz e Milton Simões, destes, só a Vó Lucy está vendo essa conquista desse plano espiritual, mas com certeza todos que já se foram estão contentes e orgulhosos por mim!

Um agradecimento mais que especial à minha irmã, Caroline Falzoni, a pessoa mais inteligente que já conheci, cuidadora, responsável, dedicada e justiceira. Obrigada por ter me feito tentar uma vaga no IFRJ, mesmo sabendo de todas as minhas dificuldades decorrentes da escola pública que infelizmente desde a época em que estudava já sofria com a falta de recursos e professores. Mas vale ressaltar também que sem os que lá estavam nada disso teria sido possível! Gostaria de completar dizendo que pra sempre estarei contigo, conquistaremos o nosso mundo, lutaremos contra qualquer forma de opressão e desigualdade, nossa luta anticapitalista está apenas no começo.

Aos meus amigos, Thainá, Diogo, Matheus e Natalia. Obrigada por todas as parcerias em trabalhos, almoços pré provas, noites sem dormir e choros intermináveis. Obrigada pela cumplicidade, sem vocês nada disso seria possível.

Aos meus amigos de caminhada do Cria da Zona Oeste (CDZO), pelas cervejas e risadas que me proporcionaram! Manu e Tia Marcia, Priscilla, Eric, Caio, Bruninha e Tia Carminha, obrigada por terem sido minha família carioca! As meninas da república por todas as trocas, os empréstimos de café, os banhos

cedidos (toda vez que o chuveiro queimava) e todos os jogos do Corinthians na telinha do computador! À Atlético Realengo, por me proporcionar através do esporte a possibilidade de trazer conquistas ao nosso *campus*; cada viagem, cada CopaFisio, cada medalha será sempre muito bem lembrada. Ao pessoal do Centro Acadêmico de Fisioterapia, da Executiva Nacional e a todas as grandes mulheres que ocuparam as cadeiras do Conselho Superior comigo, obrigada! Fizemos o nosso melhor!!!

Aos meus amigos ocupantes...

Aqui não cabe citar nomes, são muitos! Obrigada pelos 68 dias de resistência, atos, manifestações, rodas de conversa e afeto... Sem vocês, “passar um cadeado” no portão do IF não seria possível! Vocês sempre serão minha família, a “Família ocupação”. Não barramos a PEC, mas ecoamos nossas vozes, gritamos ao mundo e resistimos bravamente. Não poderia deixar de agradecer também à equipe de vigilância e limpeza que ocuparam durante todos os dias a faculdade conosco! Compartilhar essa experiência com vocês foi a melhor coisa que me aconteceu na vida! Sempre diremos NÃO AOS RETROCESSOS, O SUS É NOSSO E NINGUÉM TIRA DA GENTE, EDUCAÇÃO NÃO É MECADORIA!!!

Agradeço também algumas pessoas do *campus* que foram grandes parceiras durante esses anos, Elisa Poças, Hélia, Chiquinho, Luiz Otavio, Patrícia, Renata, Leonardo, Rodrigo e Elisa Van. Professores: Marcia Cris, Fabio, Neli, Janaina, Jorginho, Carolzona, Camila, Michele, Mauren, Bruno, Tiago, Léo e Luciana Camilo. Obrigada!

Também gostaria de agradecer uma pessoa muito especial, Mariah Moura, que foi minha companheira nesses últimos anos e me mostrou que não tem nenhum problema ser o que sou e que cabe a nós lutar diariamente contra qualquer forma de opressão!

Finalizo agradecendo as minhas orientadoras Michelle e Adriana, que aceitaram a proposta de construir esse trabalho tão importante para mim! Dentro das nossas limitações e do nosso tempo corrido vocês foram maravilhosas.

E a banca convidada, Janaína, Luana e Juliana. Vocês são mulheres incríveis e fico feliz em encerrar esse ciclo com vocês!

Obrigada IFRJ, honrarei diariamente todos os ensinamentos que me foram passados para atuar como Fisioterapeuta. Serei eternamente grata!

“Ainda vão me matar numa rua. Quando descobrirem, principalmente, que faço parte dessa gente que pensa que a RUA é a parte principal da cidade.” Leminski.

FALZONI, G. **As vozes da Ocupação estudantil: debates e reflexões ocorridas sobre os determinantes sociais de saúde entre os ocupantes de instituições de ensino superior no Brasil em 2016**, p. 41 .Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Realengo, Rio de Janeiro, RJ, 2020.

RESUMO

Com a criação da Comissão Nacional dos Determinantes Sociais da Saúde, fez-se possível a mobilização de profissionais e gestores da área para debate a cerca do assunto, instituído em 2008 o modelo proposto para analisar esses determinantes se divide em proximais, intermediários e macrodeterminantes. Devido as características do Brasil, pautadas em um modelo neoliberal, é possível ver ao longo da história a luta dos movimentos sociais para garantia de políticas públicas que assegurassem os direitos da população. Os movimentos sociais foram responsáveis por grandes conquistas, inclusive pela criação do Sistema Único de Saúde no país. As ocupações estudantis passaram a ser mais vistas a partir do século XXI, embora o primeiro registro tenha sido durante a Ditadura Militar. Em 2016, motivados pela PEC 241, estudantes da rede pública de ensino protagonizaram uma onda de ocupações em todo território nacional. Partindo de uma motivação pessoal da estudante pesquisadora deste estudo, que participou ativamente da ocupação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro *campus* Realengo, este trabalho objetivou analisar os debates e reflexões realizados pelos estudantes ocupantes acerca dos Determinantes Sociais de Saúde nos textos publicados que abordam as Ocupações de instituições de ensino em 2016 por estudantes do ensino superior, e como esses debates aconteceram. Para tal, foi realizado um estudo com metodologia qualitativa, cujo método de análise e interpretação dos dados foi a Análise Textual Discursiva (ATD), respeitando os critérios de unitarização, categorização e construção do metatexto. Após essas etapas foi possível analisar os DSS em seus diferentes níveis. Nos determinantes proximais emergiram questões principalmente ligadas à identidade de gênero, nos intermediários as redes de apoio e o acesso à educação foram abordados, finalizando nos macrodeterminantes sociais da saúde com o reconhecimento do que é o fazer político. Sendo assim, foi possível concluir que os debates que aconteceram dentro dos espaços de ocupação estudantil trouxeram aos protagonistas desse movimento uma maior identidade coletiva, maior sensibilização para questões relacionadas ao desenvolvimento social e econômico do país, assim como muitas trocas e aprendizados acerca dos outros determinantes sociais de saúde em geral.

Palavras-Chave: Ocupação, Determinantes Sociais de Saúde, Instituição de Ensino Superior, Movimento Estudantil.

FALZONI, G. **The voices of student occupation: debates and reflections on the social determinants of health among occupants of higher education institutions in Brazil in 2016.** p 41. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus Realengo*, Rio de Janeiro, RJ, 2020.

ABSTRACT

With the creation of the National Commission for Social Determinants of Health, it was possible to mobilize professionals and managers in the area for debate on the subject. In 2008, the proposed model to analyze these determinants was divided into proximal, intermediate and macro determinants. Due to the characteristics of Brazil, based on a neoliberal model, it is possible to see throughout history the struggle of social movements to guarantee public policies that would ensure the rights of the population. Social movements were responsible for great achievements, including the creation of the Unified Health System in the country. Student occupations came to be seen more from the 21st century, although the first record was during the Military Dictatorship. In 2016, motivated by PEC 241, students from the public school system led a wave of occupations throughout the national territory. Starting from a personal motivation of the student researcher of this study, who actively participated in the occupation of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio de Janeiro campus Realengo, this work aimed to analyze the debates and reflections carried out by the occupying students about the Social Determinants of Health in the published texts that address the Occupations of educational institutions in 2016 by students of higher education, and how these debates took place. For this, a study with qualitative methodology was carried out, whose method of analysis and interpretation of the data was the Textual Discursive Analysis (DTA), respecting the criteria of unitarization, categorization and construction of the metatext. After these steps, it was possible to analyze the DSS at its different levels. In the proximal determinants, issues mainly related to gender identity emerged, in the intermediaries the support networks and access to education were addressed, ending in the social macro determinants of health with the recognition of what it is to do politics. Thus, it was possible to conclude that the debates that took place within the spaces of student occupation brought to the protagonists of this movement a greater collective identity, greater awareness of issues related to the social and economic development of the country, as well as many exchanges and learnings about the other determinants social health in general.

Keywords: Occupation, Social Determinants of Health, Higher Education Institution, Student Movement.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL.....	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3. JUSTIFICATIVA	16
4. METODOLOGIA	19
4.1 FASE DE BUSCA.....	19
4.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	19
4.3 FASE DE SELEÇÃO DOS MATERIAIS DE ESTUDO.....	20
4.4 FASE DE ANÁLISE DOS MATERIAIS.....	20
5. RESULTADOS	22
6. METATEXTO	26
6.1 DEBATES E REFLEXÕES DOS DETERMINANTES INDIVIDUAIS DE SAÚDE – IDADE, SEXO, FATORES GENÉTICOS E ESTILOS DE VIDA.....	26
6.2 DEBATES E REFLEXÕES DOS DETERMINANTES INTERMEDIÁRIOS - REDES SOCIAIS E COMUNITÁRIAS E CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO (AMBIENTES SAUDÁVEIS E SERVIÇOS ESSENCIAIS COMO SAÚDE E EDUCAÇÃO).....	29
6.3 DEBATE E REFLEXÕES DOS MACRODETERMINANTES - CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÔMICA, CULTURAIS E AMBIENTAIS GERAIS/SUPRANACIONAIS (CONDIÇÃO DE CADA CIDADE, ESTADO OU PAÍS E O AVANÇO DA GLOBALIZAÇÃO).....	34
7. CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1. INTRODUÇÃO

No início do século XX, o bacteriologista americano Edward Amory Winslow (1877-1957), considerado pai da saúde pública moderna, estabeleceu estreita vinculação entre as condições de saúde, doença e bem-estar da população e aspectos sociais, econômicos e de ordem política (NEDEL & BASTOS, 2020).

A promulgação da Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS), que entrou em vigor em 1948, ampliou o conceito de saúde para “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”, considerando a influência das estruturas e das dinâmicas sociais sobre a saúde, e não apenas a ausência de doença. (OMS, 1948).

A partir de discussões entre os profissionais que atuam nas áreas das ciências sociais e da saúde e do avanço dos estudos dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS) a nível mundial, foi criada a Comissão dos Determinantes Sociais da Saúde (CDSS), no ano de 2005.

De acordo com a OMS os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) se relacionam às condições de vida e trabalho dos indivíduos e consideram os fatores sociais, econômicos, culturais, étnico-raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam os problemas de saúde e que se relacionam aos fatores de risco (BUSS; FILHO, 2007)

Para compreender os DSS, foi utilizado o modelo proposto por Dahlgren e Whitehead (CNDSS, 2008) (Figura. 1), que segundo o relatório da Comissão Nacional dos Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) de 2008 é o que melhor expõe o conceito. Segundo estes autores os DSS podem ser entendidos através de três domínios: os determinantes proximais; intermediários e macrodeterminantes sociais de saúde. Na base dos determinantes proximais encontra-se o indivíduo e seu estilo de vida, a camada subjacente descreve como determinantes intermediários as redes sociais e comunitárias, as condições de vida e trabalho e a disponibilidade de alimentos, ambientes saudáveis e serviços essenciais como saúde e educação. Na última camada estão os macrodeterminantes, que possuem grande influência sob as demais camadas, e estão relacionados as condições socioeconômicas, culturais e ambientais gerais da sociedade, considerando os fatores supranacionais, como por exemplo o avanço da globalização. Esse modelo adotado destaca a importância de fatores não clínicos sobre a situação de saúde

dos indivíduos e das populações, e indica como pessoas em desvantagem social apresentam diferenciais de exposição e vulnerabilidade dos riscos à saúde. (CNDSS, 2008)

Figura 1: Modelo proposto por Dahlgren e Whitehead.



Fonte: CNDSS (2008)

A criação da CDSS movimentou a produção acadêmica, ampliando o número de pesquisas na área de saúde pública e mobilizando profissionais, gestores e autoridades do campo sanitário. O relatório apresentado pela CDSS expôs a grande disparidade entre as condições de saúde das metrópoles e do interior de diversos países, sinalizando a gravidade dos problemas sanitários a nível global e implicando o sistema econômico neste contexto (NOGUEIRA, 2011)

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS), criado em 1988 e aprovado em 1990 no Congresso Nacional (LEI 8.080/90), teve suas diretrizes alinhadas à definição ampliada de saúde. O sistema desde então, adota princípios como a universalidade, igualdade, equidade, integralidade e intersetorialidade, considerando alimentação, moradia, trabalho e educação como fatores determinantes no processo de saúde-doença. (BRASIL, 1990; CARVALHO, 2013)

A preocupação com as desigualdades e os diferentes níveis de exposição da população em decorrência desse fato, além do acesso aos serviços essenciais como saúde e educação, levou o governo brasileiro a criar a CNDSS em 2006, sendo um dos primeiros países a adotar essa iniciativa em apoio à OMS. O objetivo principal da comissão foi elaborar recomendações que contribuíssem para a

formulação de políticas públicas que promovessem a equidade em saúde no país (CNDSS, 2008)

De acordo com Souza e Carvalho (1999), países em desenvolvimento, como o Brasil, tendem a atender às orientações da economia mundial, baseadas em ajustes fiscais, reformas estruturais e privatizações orientadas para a abertura do mercado, gerando desperdício de recursos e ineficiência na proteção ao ambiente e na promoção e assistência à saúde. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2018), *“além de a renda nacional ser concentrada nos estratos mais abastados, os 10% mais ricos respondem por 51,5% da desigualdade total”*. Essa taxa de desigualdade é superior a de países como Estados Unidos, com uma taxa de 45% e a Alemanha com 44%. O Brasil está entre as 10 maiores economias mundiais de acordo com os dados apontados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) (FMI, 2015), contudo, ocupa a 75ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre 188 países (PNUD, 2015). Com isso, nota-se que o Brasil não é um país pobre, mas um país injusto e desigual, com grande concentração de renda em uma pequena parcela da população (COTTA *et al.*, 2007; SOUZA, C & CARVALHO, 1999).

Segundo Borlini (2010) o desenvolvimento do capitalismo e o avanço do neoliberalismo reforçam que a desigualdade e exclusão social aumentam nesse processo orientado por um projeto privatista centrado na desresponsabilização do Estado na área social. O neoliberalismo no Brasil está na raiz do problema por reproduzir e aprofundar a desigualdade social, reduzir a regulação estatal e aumentar o poder econômico e sua influência sobre os espaços que deveriam ser democráticos (CARNEIRO; GAMBI, 2018).

O neoliberalismo ao chegar ao Brasil, encontra “solo fértil” para aprofundar sua política econômica e social (BORLINI, 2010 *apud* BEHRING, 2003). No geral, os projetos neoliberais desconsideram a participação social nas ações políticas, suprimindo os direitos da população. Com o avanço do sistema, observa-se também o avanço dos movimentos populares. Esses movimentos em contraposição ao Estado cobram mais direitos, dignidade e cidadania. A tensão social e política durante o século XX uniu os movimentos sociais brasileiros, sendo possível ver estudantes, trabalhadores e diversos setores da sociedade na mesma luta por direitos. Pode-se citar alguns movimentos que tiveram maior destaque, como por exemplo, as mobilizações

“Contra a ditadura, as Diretas Já, os Caras Pintadas e o Movimento pela Ética na política, além das manifestações mais regulares, como o Grito dos Excluídos, as Marchas das Margaridas e os movimentos pela Reforma Agrária.”(SCHERER-WARREN, 2014)

Em junho de 2013, o Brasil foi palco de manifestações populares, reunindo milhões de pessoas que ocuparam as ruas de doze capitais do país, tendo como pauta desencadeante o aumento da passagem de ônibus e logo se estendendo a questionamentos políticos de diversas ordens. No início, as manifestações contavam com a massiva participação do Movimento Passe Livre (MPL). O movimento articulado nacionalmente apresentava pautas que não se limitavam apenas ao preço da passagem do ônibus, defendendo de forma mais ampla o direito do cidadão no que se diz respeito a mobilidade urbana, considerando esse um direito fundamental, tal como saúde e educação. Com o aumento das manifestações em todo Brasil e a repercussão midiática, uma parte da sociedade aderiu a um discurso de “defesa da participação cidadã” de uma forma totalmente genérica e sem aprofundamento, o que culminou na criminalização dos movimentos iniciais e em uma segunda onda de manifestações com pautas antagônicas ao que estava sendo reivindicado, sendo uma das pautas principais o combate a corrupção. (SCHERER-WARREN, 2014)



Revista Fórum, 3 ago. 2013



Medium.com – Manifestação contra a reeleição da Presidenta Dilma, 2014

A efervescência política brasileira teve seu pico em 2016, quando no dia 31 de agosto se deu o golpe/impeachment da então Presidenta eleita Dilma Rousseff, fato que causou grande polarização em relação à legitimidade do processo de sua cassação. Com o fato concretizado, o vice-presidente à época, Michel Temer assumiu a Presidência da República e logo gerou um grande descontentamento por parte da população, em sua maioria jovens estudantes da rede pública de ensino, que logo se mobilizaram e iniciaram outro movimento de manifestações

populares (ARAGÃO *et al.*, 2019).

O governo apresentava propostas pautadas em reajustes e cortes fiscais, especialmente na área da educação e da saúde. Uma delas foi a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) n. 241/2016 na Câmara dos Deputados. A PEC tinha por objetivo alterar o ato das disposições constitucionais transitórias a fim de instituir o Novo Regime Fiscal. Como desdobramento, a medida seria capaz de congelar os gastos em áreas como saúde, educação, diversos setores públicos e previdência social (SILVA, 2018).

Embora o primeiro registro de ocupações estudantis tenha sido feito no ano de 1968, durante a Ditadura Militar, essa estratégia de luta foi novamente utilizada a partir no início do século XXI pelo Movimento Estudantil (ME). Já no ano de 2015 o ME protagonizou um cenário que ficou conhecido como Primavera Secundarista, o movimento pretendia reverter as medidas do Governo do Estado de São Paulo referentes ao fechamento das escolas e avançar nas pautas relacionadas a educação. O movimento se estendeu até 2016, ano que aconteceram ocupações em mais de mil instituições de ensino em todo território nacional (SILVA, 2018).

Em 2016, durante as ocupações, era possível observar a unificação das pautas entre os estudantes da rede pública. As principais reivindicações eram a Medida Provisória (MP 746/2016) sobre a Reforma do Ensino Médio que pretendia modificar o funcionamento e as regras curriculares; a PEC 241/2016, que pretendia alterar a constituição para evitar o crescimento de despesas do governo , congelando verbas de setores essenciais ; e contra o Projeto de Lei (PL 193/2016), que objetivava incluir entre as Diretrizes e Bases da Educação o programa Escola sem Partido. (RIBEIRO; PULINO, 2019)

Mesmo com as ocupações em todo território nacional, a Reforma do Ensino Médio (MP/746) foi aprovada em setembro e a PEC 241/2016 pouco tempo depois, em dezembro. Independente dessas aprovações, o movimento foi capaz de reivindicar questões locais das instituições de ensino. De acordo com Rosa & Sandoval (2019)) observa-se conquistas relacionadas à assistência estudantil e manutenção das unidades. Nesse sentido, nota-se que os movimentos surgem na iniciativa de reivindicar direitos e resolver conflitos. Segundo Pereira (2015) os movimentos sociais foram e continuam sendo alavancas da mudança social, induzidos por um profundo descontentamento com as instituições políticas que administram a sociedade.

Considerando a relação estreita entre lutas e avanços sociais e entre estrutura e dinâmica social e saúde, este trabalho tem como objeto central interrogar se houve registro de debates e reflexões feitos pelos estudantes ocupantes acerca dos DSS e como ele se deu nas ocupações realizadas nas instituições de ensino do Brasil promovidas por estudantes de nível superior em 2016.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar os debates e reflexões realizados pelos estudantes ocupantes acerca dos Determinantes Sociais de Saúde nos textos publicados que abordam as Ocupações de instituições de ensino em 2016 por estudantes do ensino superior.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer os debates e reflexões realizados pelos estudantes ocupantes e sua influência acerca dos Determinantes Sociais de Saúde nos textos que tratam das ocupações de 2016

- Verificar quais e como os Determinantes Sociais de Saúde são abordados pelos estudantes ocupantes no processo de Ocupação de 2016

3. JUSTIFICATIVA

O empenho em desenvolver este trabalho surge da motivação pessoal da pesquisadora, que vivenciou em 2016 o processo de Ocupação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *Campus Realengo*. Deflagrada a partir da PEC 241, não somente a ocupação deste *campus*, mas também de diversos outros institutos, universidades e escolas ocorreram nesta época. Mas será que as discussões fomentadas nestes espaços de luta e formação política levantaram temáticas acerca dos fatores biopsicossociais do sujeito relacionados à saúde, por meio dos DSS ?

Na ocupação ocorrida no *campus Realengo*, primeiro *campus* de Instituição de Ensino Superior (IES) a ser ocupado no estado do Rio de Janeiro, os temas norteadores acerca da educação, acesso à informação, saúde e condições socioeconômicas da população brasileira estiveram presentes e foram problematizados pelos ocupantes. O processo de ocupação do *campus Realengo* teve início no dia 11 de outubro e foi finalizado no dia 18 de dezembro, na semana seguinte após a aprovação da PEC 241, totalizando 68 dias de luta.

Com o insucesso das pautas externas, as pautas internas reverberaram grandes conquistas para o *campus*, dentre elas pode-se citar uma maior integração entre os Centros Acadêmicos e a criação da Frente Estudantil em Luta (FEL-IFRJ), que reunia estudantes de todos os *campi* ocupados e, mesmo com seu pouco tempo de existência colaborou com a abertura do debate a cerca da necessidade da criação de um Diretório Central dos Estudantes do IFRJ.

Observou-se também a construção de coletivos e ligas acadêmicas, um maior diálogo com a diretoria e a reitoria da instituição, o aumento da participação discente em cargos de Conselhos, uma maior sensibilização para questões relacionadas a manutenção do *campus*, da precarização do trabalho terceirizado e o aumento da participação estudantil nas assembleias e atos posteriores a este período.

Durante o período de ocupação percebeu-se a necessidade da criação de um instrumento que proporcionasse aos jovens da região de Realengo a possibilidade de acesso à universidade. Com a chegada do coletivo RUA Juventude_Anticapitalista, através de alguns estudantes que participaram do processo de ocupação, foi possibilitada a implementação de uma unidade do Pré-

Vestibular Popular + NÓS no *campus* Realengo. Este projeto é fruto de um longo período de debates e acúmulos feitos por militantes independentes, militantes do Coletivo RUA_Juventude_Anticapitalista, estudantes e trabalhadores que têm como norte uma perspectiva comum: a de que é necessário mudar o sistema propulsor de desigualdade e injustiça sob o qual nossa sociedade está submetida, observando a necessidade de popularizar as universidades e construir junto com os alunos um processo de educação emancipadora. O *campus* Realengo, é um dos locais que atende a essa proposta de projeto, sendo que existem até o momento outras 11 unidades do Pré-Vestibular, dentre elas: São João de Meriti (IFRJ), Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Mangueiras, Nilópolis, Duque de Caxias e Centro. (IFCS-UFRJ).

Esse processo tornou o *campus* mais conhecido pela comunidade do entorno e, até o momento mais de 60 alunos foram aprovados em universidades públicas, dentre outros que conseguiram bolsas parciais e integrais em faculdades privadas. Em torno de 600 alunos já passaram pelo projeto só na unidade de Realengo que teve seu início em maio de 2017, semestre seguinte ao processo de ocupação. Importante ressaltar que vários dos ex-alunos do +NÓS hoje são alunos do IFRJ.

Para nós estudantes, esta foi uma importante conquista do movimento de ocupação, um legado deixado não somente para o *campus*, mas para toda a comunidade de Realengo e adjacências, possibilitando que MAIS DE NÓS, mulheres, negros (as), LGBT's e moradores da periferia do Rio de Janeiro ingressassem na universidade, popularizando esses espaços com debates capazes de modificar a realidade a qual estamos inseridos.

Vendo as questões que foram levantadas no IFRJ *Campus* Realengo, os frutos que foram colhidos através desse movimento e como os DSS estão presentes nessas questões, surgiu então a curiosidade de analisar os outros processos que aconteceram nas IES em todo território nacional. É importante lembrar que a ocupação de Realengo está documentada na plataforma audiovisual Youtube com o nome de Resistir e Florescer: a ocupação estudantil do IFRJ *Campus* Realengo

O *campus* Realengo do Instituto Federal do Rio de Janeiro, oferta cursos de graduação na área da saúde e, por isso, talvez os debates que ocorreram neste espaço podem não ter ocorrido (ou ter ocorrido de outra forma) em outras instituições de ensino superior. O interesse deste trabalho, portanto, é analisar se em outras ocupações no Brasil também aconteceram debates relacionados aos

DSS. Além de verificar quais e como os DSS foram abordados nestes processos de ocupação.

4. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo de revisão narrativa ou bibliográfica, que tem por objetivo responder a uma pergunta, utilizando métodos explícitos para sua confecção. Quando comparada a uma revisão sistemática, apresenta um método mais abrangente de buscas e dispensa critérios quantitativos (CORDEIRO *et al.*, 2007)

Os trabalhos de revisão narrativa permitem descrever e discutir conceitos e ideias em torno de um determinado assunto e, a partir do ponto de vista contextual ou teórico, apresentam questões de forma ampla e possibilitam uma nova compreensão sobre determinado tema (ROTHER, 2007)

4.1 FASE DE BUSCA

Foram realizadas buscas nas bases de dados Lilacs, Scielo, no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e no Catálogo de teses e dissertações da CAPES. A busca foi realizada por uma única pesquisadora e limitou-se a publicações na língua portuguesa em um período de cinco anos (2016-2020).

A fase de busca foi realizada entre fevereiro e abril de 2020, com o objetivo de identificar artigos, teses e dissertações que relatavam os processos de ocupação acontecidos no ano de 2016. Nessa fase foi utilizado os seguintes descritores: (estudantil OR+ estudantis OR+ estudantes) AND+ (ocupação OR+ ocupações).

4.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

Foram definidos como critérios de inclusão: artigos originais, teses e dissertações que avaliaram, relataram e/ou descreviam os processos de ocupação de Instituições de Ensino Superior (IES) no ano de 2016, motivados pela PEC (proposta de emenda constitucional) 241. Os critérios de exclusão: trabalhos sobre ocupações secundaristas e materiais publicados dentro do período previamente definido, mas que relatavam ocupações de outros anos.

4.3 FASE DE SELEÇÃO DOS MATERIAIS DE ESTUDO

Foram consideradas as seguintes etapas para a seleção dos materiais: tabulação dos trabalhos com os descritores citados; leitura dos títulos e resumos e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos documentos de interesse. Por último aconteceu a leitura integral e tabulação dos documentos pertinentes.

4.4 FASE DE ANÁLISE DOS MATERIAIS

Utilizamos como método do presente estudo a análise textual discursiva (ATD), que cada vez mais pode ser observada na construção de materiais qualitativos. A ATD se configura através de etapas minuciosas que requer do pesquisador atenção para cada fase do processo. Organizada em 3 etapas, tem por função chegar a uma nova compreensão do material que objetiva ser analisado.

Como descrito por Moraes (2003) a análise pode ser dividida em três etapas - unitarização, categorização e construção de uma nova compreensão (metatexto). O objetivo desta organização em etapas é iniciar o processo de forma ampla, retirando do texto unidades que objetivam ser analisadas. Após as unidades serem identificadas, são construídas categorias que buscam entender de forma complexa os significados obtidos através da unitarização. A última etapa é descrita pelo autor como a nova compreensão do todo. Essa fase é tida como a característica central do processo de desenvolvimento desta metodologia, é o exercício da escrita e da captação daquilo que emerge na totalidade do texto em direção a uma nova compreensão.

No presente estudo as etapas foram detalhadamente desenvolvidas e são descritas à seguir:

1. DESCONSTRUÇÃO DO TEXTO/ UNITARIZAÇÃO – A desconstrução consiste num processo de desmontagem dos textos, codificando os fragmentos destacados, resultando daí em unidades de análise (MORAES, 2003). Segundo Galiazzi & Sousa (2019) nesta etapa é feita a fragmentação dos textos com a intencionalidade de buscar elementos que dialogam com os objetivos deste estudo. Na unitarização desmonta-se as estruturas do *corpus* de análise em busca de novos

sentidos de compreensão para a produção de um metatexto, produzindo assim uma maior “desorganização” no *corpus* de análise do que o estado anterior.

Quando unidades de significado se pautam por alguma teoria *a priori* do pesquisador, esta teoria, de certa forma, organiza o *corpus* desde o início da análise, mesmo que de outra forma. (...) As unidades de análise são sempre identificadas em função de um sentido pertinente aos propósitos da pesquisa. Podem ser definidas em função de critérios pragmáticos ou semânticos. (p.9).

2. CATEGORIZAÇÃO: Nesta etapa foram criadas categorias com a finalidade de construir relações entre as unidades e formando conjuntos mais complexos, criando conceitos abrangentes definidos pelo pesquisador (MORAES, 2003). Neste método, a criação e organização das categorias é uma etapa fundamental de análise. A produção de uma ordem a partir da leitura do *corpus* de análise, dos textos desorganizados, obedece a elaboração gradual e sequencial de categorias que avançam a partir da compreensão do fenômeno estudado. Assim, a elaboração de categorias iniciais, intermediárias e finais são definidas por meio destes passos classificatórios que vão, conforme a leitura e interpretação dos textos analisados, reunindo elementos semelhantes e *“juntamente com essa construção também se constroem compreensões do objeto da pesquisa e dos procedimentos de classificação”* (GALIAZZI & SOUSA, 2019 p.9).

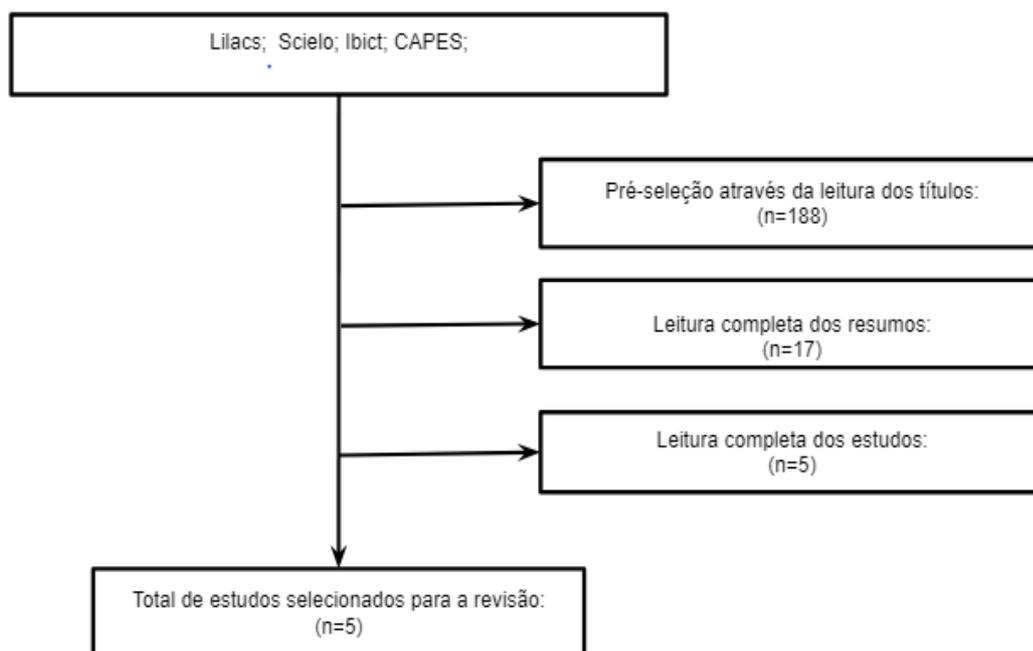
As unidades de categorias que foram criadas neste estudo estão interconectadas com os referenciais extraídos da revisão teórica desta pesquisa e foram estabelecidas a partir da leitura dos textos analisados. Logo, as categorias estão correlacionadas com os fatores que influenciam os domínios das DSS, de acordo com o modelo de Dahlgren e Whitehead (Gunnig-Schepers, 1999 *apud* CNDSS, 2008).

3) CAPTANDO O NOVO EMERGENTE/ NOVA COMPREENSÃO: Essa etapa pode ser definida como a construção do metatexto. Nesse momento buscou-se através das categorias criadas a partir das unidades, encontrar descrições e interpretações capazes de apresentar nova compreensão dos fenômenos investigados. (MORAES, 2003).

5. RESULTADOS

Conforme apresentado na Figura 2, a fase de busca nos bancos e bases de dados de trabalhos científicos retornou 188 trabalhos. Desses, foi feita a primeira seleção através da leitura dos títulos e foram selecionados 17 materiais para a leitura completa dos resumos. Após essa etapa foram obtidos 5 materiais que após a leitura integral foi visto que atendiam aos objetivos definidos para a pesquisa conforme pode ser visto no fluxograma abaixo. Os documentos excluídos obedeceram a critérios da pesquisa, sendo eliminados mais especificamente porque não tratavam de ocupações ou os que tratavam, se referiam aquelas ocorridas antes de 2016, ou que ocorreram em outros países ou que foram lideradas por movimentos estudantis de secundaristas.

Figura 2: Fluxograma das etapas de busca e seleção.



Fonte: própria.

Para que fosse realizada a etapa de unitarização fez-se necessária a codificação dos materiais analisados, como pode ser visto no quando 1 abaixo:

Quadro 1: Codificação dos documentos analisados.

DOCUMENTO	CODIFICAÇÃO
ROSA. L. A.; SADOVAL. S. A. M.; Ocupação Estudantil no Instituto Federal de Catanduva (SP): potência, desenvolvimento e práxis; Psicologia Política. vol. 19. nº 45. pp. 317-334. mai-ago. 2019	D01
ARAGÃO. D. A. S; MENDONÇA. E . S; GOMINHO. K. C; SANTANA. N. R. R. R; PARTICIPAÇÃO POLÍTICA JUVENIL: PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO DE OCUPAÇÕES DE UNIVERSIDADES ; Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.53, p.<26-48>, jan./jun. 2019	D02
SILVA. J.B.P OCUPAÇÕES/INVASÕES ESTUDANTIS DE 2016: disputas e resultados no caso da Universidade de Brasília ; Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência Política; Brasília DF Agosto 2018	D03
SOUZA. L C. V;Trajetórias de estudantes da UFPA que participaram da ocupação estudantil de 2016 nos Campi de Altamira e Soure;Apresentado ao programa LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA. Linha de pesquisa MEMÓRIAS E SABERES INTERCULTURAIS. Data de defesa 31/07/2019	D04
PARKER. M . X; VISIBILIDADE, DELIBERAÇÃO E AFETOS:COMUNICAÇÃO E POLÍTICA NAS OCUPAÇÕES DA UFRGS EM 2016; Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação. Aprovado em: 14/12/2018.	D05

Fonte: própria.

O quadro abaixo apresenta uma síntese dos elementos de interesse nos documentos selecionados, com base nos critérios, descritos anteriormente na seção 4.2 deste documento: Debates e reflexões dos Determinantes individuais de saúde – idade, sexo, fatores genéticos e estilos de vida Debates e reflexões dos determinantes intermediários - Redes sociais e comunitárias e condições de vida e trabalho (ambientes saudáveis e serviços essenciais como saúde e educação. Debate e reflexões dos macrodeterminantes - condições socioeconômicas, culturais e ambientais gerais/supranacionais (condição de cada cidade, estado ou país e questões relacionadas ao avanço da globalização).

Quadro 2: Materiais analisados, objetivos e possíveis relações com os DSS.

Autor/Ano	Objetivos do Artigo	Métodos	Relação com os DSS
ROSA, L & SADOVAL, S; (2019)	Analisar a participação dos estudantes na ocupação do IFSP Catanduva	Realizado por meio de grupo focal, entrevistas e observações dos participantes (3 alunos) do ensino superior. A partir do tratamento do material, a análise foi dividida em três momentos: potência de agir; aprendizado e desenvolvimento; práxis política.	Foram observados: forte identidade coletiva, autonomia, horizontalidade, sentimento de eficácia política, humor, consciência política. O ambiente social e físico criado pela ocupação favoreceu: o acontecimento de bons encontros, a produção de subjetividades e relações democráticas e democratizantes; e a realização de práxis política criativa e reflexiva.
ARAGÃO, D; MENDONÇA, E; GOMINHO, K; SANTANA, N; (2019)	Analisar sentidos de participação política construídos por jovens que vivenciaram o movimento de Ocupação em universidades públicas	Foram realizadas 20 entrevistas individuais, semiestruturadas, junto a 10 jovens estudantes da UFPE e outros 10 da UFRPE. Os dados construídos foram analisados por meio das práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano, que propõem analisar processos e modos de subjetivação, tomando as discursividades como linguagem em ação	Foi possível observar que através das atividades de formação política empreendidas entre os ocupantes foi possível vivências visibilizadas através de diálogos e negociações cotidianas de posicionamento crítico implicando em desenvolvimento de subjetividade política nos envolvidos.
SILVA, J; (2018)	Compreender como resultados são construídos e articulados entre os principais atores envolvidos e como isso influencia no repertório de estratégias do movimento	Foram realizados 6 grupos focais, desses, 5 grupos de "favoráveis ocupantes", que participaram de alguma forma do processo, e 1 de "desfavoráveis" composto por alunos contrários ao movimento. Ao todo participaram 18 alunos. Também foram entrevistados outros 3 estudantes individualmente.	Foi visto o despertar político, vontade/necessidade de se organizar, transformação da visão de mundo, desenvolvimento de sensibilidade sobre a diversidade social, necessidade de maior envolvimento e mudanças de percepção na identidade e nos ciclos sociais
SOUZA, L; (2019)	Compreender as trajetórias, sonhos e preocupações de alguns discentes que participaram da Ocupação Universitária de 2016 nos campi da UFPA nas cidades de Altamira e Soure	Foi realizada uma entrevista semiestruturada, que apresentava perguntas abertas e fechadas e realizou-se a gravação de áudios dos relatos de quatro discentes, dois do campus de Soure e dois do campus de Altamira,	Foram vistas questões que versam sobre o fato de como as experiências em movimentos comunitários, organizações sociais e movimentos religiosos que prezam pelo bem comum e pela garantia de direitos à população, estiveram presentes no movimento de ocupação. Formação humana desses discentes universitários de ter voz e vez dentro da universidade; também foi possível compreender que as lutas individuais.
PARKER, M; (2018)	Mapear e analisar a comunicação interna e externa produzida pelos estudantes da UFRGS, especialmente na Fabico. Analisar as práticas de comunicação associadas à mobilização política, com o auxílio dos conceitos repertório, deliberação, comunicação pública e mídia radical alternativa	Foi realizada entrevista semiestruturada com quinze estudantes que ocuparam a Fabico, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.	Os resultados revelam um fenômeno interessante que decorre da experiência de ocupar um local durante tantos dias: a formação política das pessoas, através do compartilhamento de afetos, da participação em assembleias e da convivência social intensiva em um espaço físico delimitado.

Fonte: própria.

O quadro 3 é a etapa de Categorização dos materiais, que é a segunda etapa da ATD. Nesse momento foram criadas categoriais iniciais, intermediárias e finais para que fosse possível a construção de uma nova compreensão, o metatexto.

Quadro 3: Categorização dos materiais

INICIAL	<ul style="list-style-type: none"> • A Presença dos Debates e reflexões acerca dos determinantes sociais de saúde • Os DSS que aparecem nos Debates e reflexões feitas pelos estudantes
INTERMEDIÁRIA	<ul style="list-style-type: none"> • Forma como os DSS aparecem nos textos de acordo com os seus determinantes individuais • Forma como os DSS aparecem nos textos de acordo com os seus determinantes intermediários • Forma como os DSS aparecem nos textos de acordo com os macrodeterminantes
FINAL	<ul style="list-style-type: none"> • Debates e reflexões dos Determinantes individuais de saúde – idade, sexo, fatores genéticos e estilos de vida. • Debates e reflexões dos determinantes intermediários - Redes sociais e comunitárias e condições de vida e trabalho (ambientes saudáveis e serviços essenciais como saúde e educação). • Debate e reflexões dos macrodeterminantes - condições socioeconômica, culturais e ambientais gerais/supranacionais (condição de cada cidade, estado ou país e o avanço da globalização)

Fonte: própria.

6. METATEXTO

Ao analisar os estudos selecionados nesta pesquisa, observa-se o quanto os debates ocorridos sobre as condições de saúde e de vida dos estudantes estiveram diretamente vinculados à sua condição social, dialogando estreitamente com o modelo de determinantes sociais proposto por Dahlgren e Whitehead (Gunnig-Schepers, 1999 apud CNDSS, 2008). Martins & Zioni (2013) confirmam esta percepção pois afirmam que o acesso a rede de saúde e demais aparelhos sociais, assim como a obtenção de direitos básicos de vida como água, saneamento básico, renda, alimentação e moradia determinam a condição de saúde de um indivíduo e de uma sociedade.

As condições de vida relatadas pelos estudantes ocupantes e sua relação com a saúde e com todos os determinantes sociais, assim como a trama das relações entre os vários fatores, vivências e experiências relatadas são os temas que fazem parte do *constructo* deste metatexto, que está subdividido respeitando as categorias finais de análise do estudo.

6.1 DEBATES E REFLEXÕES DOS DETERMINANTES INDIVIDUAIS DE SAÚDE – IDADE, SEXO, FATORES GENÉTICOS E ESTILOS DE VIDA

Hortale *et al* (2010) consideram que como os sujeitos estão na base do modelo, suas características físicas e comportamentais certamente exercem uma forte influência sobre o seu potencial e condições de saúde. Esse primeiro nível está relacionado ao estilo de vida do sujeito. Esse nível é complexo, pois a mudança comportamental não se realiza facilmente sem interferência nos valores culturais do indivíduo, são variáveis interdependentes. Logo, a intervenção nesse nível requer políticas de saúde públicas que direcionem a mudança de comportamento, através de programas de educação, cultura, arte, comunicação, alimentação saudável, lazer, esporte e bem estar.

Na tese de Souza, L. (2019) um dos materiais analisados, que trata das trajetórias de estudantes da UFPA que participaram da ocupação estudantil de 2016, essa questão aparece de forma clara na narrativa de um ocupante em relação às questões de gênero e aos tensionamentos vividos naquele período da

vida. A fala deste estudante parece fazer relação também a sua idade, quando menciona a descoberta de sua sexualidade e a experiência da ocupação vivida na época de sua formação. O estudante relata que

Fazer um curso de graduação e entrar pra uma universidade federal foi, na época, uma questão de honra pra mim, porque foi um período onde eu tava me assumindo, assumindo a minha sexualidade, é, dizendo quem eu realmente sou e que eu não poderia viver uma vida de mentiras (...) (p. 53). Acho que uma das coisas principais que eu, que foi que mudou na minha vida foi a questão do nome social, né, foi na época da ocupação que eu me conheci de verdade que eu melhorei, e comecei a usar aqui (p. 52).

Segundo Monteiro; Brigadeiro & Barbosa (2019), aos altos índices e violência e assassinato de travestis e transexuais apontam a vulnerabilidade dessa população em termos de saúde, com agravos à saúde mental, fortemente ligados à depressão e tentativas constantes de suicídio. Em função de tais problemas o SUS nas últimas duas décadas vinha avançando para assegurar a essa população os serviços de prevenção e cuidados necessários, evocando debates acerca das desigualdades sociais e no cuidado em saúde. Oliveira & Klein (2019) complementam dizendo que para que haja a devida aceitação social dessa população, é necessário educar em e para os direitos humanos. Somente assim é possível fazer com que o indivíduo reconheça o outro como igual, considerando toda as diferenças e diversidades inerentes a cada pessoa. A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, publicada pelo Ministério da Saúde em 2013, conclui dizendo que para enfrentar toda a discriminação e exclusão social é necessário promover a cidadania, a democracia e a laicidade do Estado (BRASIL, 2012).

Nas pesquisas de Parker (2018) e Silva (2018) outros dois documentos analisados, estão presentes, além das questões de gênero, os debates sobre feminismo e movimento negro estiveram presentes entre os ocupantes das instituições de ensino. A situação de violência e marginalidade que muitos deles enfrentam e o sofrimento decorrente dessa situação foram relatados. Na pesquisa de Silva (2018), a expressão de um estudante exemplifica essa questão:

Foram criados espaços que somou ao movimento nacional; foram criados espaços para movimento negro e feminino e auxílio creche(...) transformação da visão de mundo, desenvolvimento de sensibilidade sobre a diversidade social (p. 120-121).

Em Parker (2018) essa narrativa de construção de movimentos sociais também está presente:

Eu fiquei muito impressionada com o movimento que a gente criou na Fabico. Querendo ou não a gente criou um coletivo de mulheres. De todas as mulheres ficarem à vontade pra relatar, de falar o que tavam sentindo, da gente se impor de uma forma que eu nunca tinha visto, nunca tinha vivido isso. Ali se criou uma comunidade. No mundo que a gente vive a gente não se sente escutada, respeitada, com uma voz que se imponha. Eu nunca tinha sentido isso (p. 161).

Silva (2018) aponta que a desigualdade de gêneros está presente desde o Brasil colônia e que é firmada e reafirmada através do acesso a educação. O país desprezou por anos a inserção de mulheres nos espaços educacionais, negando-lhes direito à educação formal. Mulheres eram submetidas a disciplinas dedicadas à educação do lar, enquanto homens tinham acesso ao conhecimento amplo. A autora completa dizendo que para que haja a autonomia feminina nos espaços, é necessária a promoção de políticas públicas para que se possa gozar de forma integral do direito a dignidade de forma igualitária. Gonçalves (2018) faz a intersecção entre raça e gênero, debatendo o acesso de mulheres negras à educação superior. Por consequência direta do processo de escravidão não é possível falar de democratização do sistema educacional se não considerarmos o local de marginalização social qual essas pessoas são inseridas. Por muitos anos as políticas públicas desfavoreceram esse grupo populacional, negando-lhe o acesso à educação plena.

Uma outra fala, oriunda da pesquisa de Rosa e Sandoval (2018), também acrescenta sentido a essa análise, quando o estudante diz:

Dizem que a gente aprende mais na ocupação que às vezes na escola. E é verdade (...) Foram feitos debates sobre gênero, discriminação, posições políticas, anarquismo, orçamento do IF, entre outras coisas (...) (p. 8-9)

Ao tempo em que as políticas educacionais impõem mudanças curriculares na Educação Básica, a autora Fontella (2012) faz uma análise sobre a pedagogia crítica e educação emancipatória na escola pública, através do conceito de Educação Popular e Pedagogia Crítica abordados por Paulo Freire. Para Freire (1996) a educação é um dos mais importantes recursos na luta de classes, sendo indispensável o ensinamento para além do conteúdo. Vimos que segundo a fala da aluna, o espaço político da Ocupação, foi o local onde essas questões para além da formação curricular básica emergiram em sua vida, sendo possível compreender a importância dos debates acerca dos assuntos citados.

Segundo Berto (2011), as IES possuem uma responsabilidade social para além da formação técnica, sendo dever das instituições gerarem autonomia aos alunos, o

exercício da cidadania e a qualidade de vida. Para a autora, só assim é possível a geração de renda e o enriquecimento mútuo entre os indivíduos e a comunidade do entorno.

Para Goergen (1998) é preciso ressaltar também que num mundo em que aumenta constantemente a competitividade, a educação é cada vez mais canalizada para o desenvolvimento das competências para o mundo do trabalho, e não para a reflexão. O autor conclui dizendo que não devemos limitar a formação profissional apenas à capacitação técnica, submissa incondicionalmente às determinações do mercado.

6.2 DEBATES E REFLEXÕES DOS DETERMINANTES INTERMEDIÁRIOS - REDES SOCIAIS E COMUNITÁRIAS E CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO (AMBIENTES SAUDÁVEIS E SERVIÇOS ESSENCIAIS COMO SAÚDE E EDUCAÇÃO).

O nível intermediário dos DSS, para fins desta pesquisa, englobam o segundo e o terceiro níveis do modelo de Dahlgren e Whitehead. São níveis inter-relacionados que exercerem influência sobre o nível dos macro determinantes, da mesma forma como na seção anterior foi observado que os determinantes individuais têm repercussões no nível intermediário. Na junção feita nesta pesquisa, o nível intermediário engloba as comunidades e suas redes de relação - laços de coesão social, relações de solidariedade e de confiança (Hortale, 2010 p. 41) -, fundamentais para o estabelecimento da promoção da saúde. Engloba também as condições de vida e trabalho, acesso a saúde e a educação.

Para atuar sobre esses determinantes, é fundamental a elaboração e luta pela manutenção de políticas que estimulem a criação de redes de apoio e que fortaleçam a participação popular, das comunidades e dos coletivos, principalmente aqueles com maior vulnerabilidade social. Adicionalmente, é importante a criação de políticas intersetoriais que atuem “sobre as condições materiais e psicossociais nas quais as pessoas vivem e trabalham” (Hortale, 2010 p. 41).

Nos estudos de Rosa & Sandoval (2019) e de Aragão *et al* (2019) que discutem a participação política juvenil no contexto das ocupações de um Instituto Federal e de universidades, respectivamente, retratam, a partir das falas de estudantes ocupantes entrevistado, o quanto o ambiente de tensão e medo

permeavam os espaços da ocupação, em decorrência da pressão exercida por parte da comunidade pertencente ao território onde se localizava a IES. Este sentimento fica expresso na fala do estudante que diz: “Vira e mexe tava alguém lá chorando no banheiro: “Gente, não aguento mais!”. Porque era uma... O povo fala: “Ai porque esses vagabundos tão aí e não quer aula”

Aragão *et al* (2019) relata que, ao ser questionado sobre essa questão, outro estudante expressa o medo e a indignação quanto à falta de compreensão. As falas de atores envolvidos com a formação daqueles estudantes eram percebidas pelos ocupantes como carregadas de ódio, preconceito e descontentamento: “Eu escutava horrores de alguns professores, chamando claramente de vagabundo, essas coisas assim. E era uma coisa que tipo assim, pesava!”

Se por um lado esse ambiente produzia tensão, medo, indignação, estresse físico e mental, por outro, despertava o sentido de cooperação, humanizava as relações, desenvolvia parcerias, facilitava a aprendizagem, o respeito e a vontade de se organizar politicamente em prol do que aqueles jovens acreditavam e desejavam. Esta análise parte da apreciação da fala de estudantes que foram entrevistados nos estudos das teses de Silva (2018) e de Souza (2019). Um deles afirma que teve

Prejuízos como desgaste físico e emocional; e aprendizados como despertar político, vontade/necessidade de se organizar ainda mais (SILVA, 2018 p. 121).

O outro estudo traz um relato de um estudante que fala sobre aprendizado e amadurecimento:

Eu me sentia mais humano estando lá, era um espaço sentimentalmente saudável (...) mudou muito as pessoas que estavam lá... O que a gente sentiu lá como ser humano, te torna uma pessoa completamente diferente (SOUZA, 2019, p 51)

No estudo de Parker (2018) que tratava as formas de comunicação política nas ocupações da UFRGS este ambiente de parceria e ressignificação também aparece. A cooperação e a união dos jovens em busca de práticas relacionadas à saúde, capazes de impedir a produção de doenças entre eles durante os dias de ocupação, aparecem em falas como a seguinte:

Então vamos meditar, vamos acordar às 8 e meditar. Vamos fazer um exercício sobre privilégios (...) A gente fazia meditação coletiva, atividades em grupo em que a gente expunha nossas dores, e acabou que depois dessas atividades a gente foi se sensibilizando mais um com o outro, e aí a gente começou a perceber que lá dentro a gente precisava também ter dias felizes, precisava dançar às vezes, a gente precisava jogar jogar carta(...)(PARKER, 2018, p 195)

Segundo Hopkins & Reicher (2016), o movimento da massa, ao contrário do que muitos teóricos normalmente defendem, pode ter potencial de promoção da saúde. Os potenciais derivam de mudanças cognitivas, relacionais e emocionais que emergem a partir do momento em que um grupo de pessoas passa a partilhar a mesma identidade social. Para os autores, as reuniões em massa podem trazer consequências positivas, como por exemplo, o senso de identidade que é compartilhada nesses espaços pode propiciar uma fonte de apoio social, que contribui para a uma sensação de saúde e bem estar coletivo. Os autores Berger. P. L & Luckmann. T (2002) acrescentam dizendo que a formação das identidades é condicionada por processos que são estabelecidos pelas estruturas sociais. Sendo assim, a identidade não parte somente do indivíduo e sim do coletivo qual esse indivíduo está inserido. Esse partilhamento resulta em um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas, fortalecendo os grupos e os indivíduos.

Na análise dos textos, observa-se que a temática acerca da importância da educação e da formação profissional é recorrente e parte central dos debates e reflexões realizados pelos autores dos trabalhos. Contudo, nenhum dos trabalhos pesquisados falam explicitamente da relação entre as ocupações e a saúde dos indivíduos e das comunidades. Ainda assim, como destacado na fala sobre estratégias para manter a saúde mental, dentre os estudantes, esse foi um tema presente em todos os textos analisados.

As duas falas à seguir, coletadas por Souza (2019) e Parker (2019) expressam a dificuldade e, conseqüentemente, a valorização da conquista do acesso à educação pública superior de qualidade por meio das políticas públicas recém implementadas nos governos do Partido dos Trabalhadores e a consciência de que tais conquistas que estavam sob ataque.

Na verdade era um pouco inacessível pra mim, eu achava que ia ser muito difícil, que só entravam lá as pessoas que eram superdotadas de inteligência [risos] e que ia ser muito difícil por conta de que a gente não tinha um conteúdo atualizado no ensino médio (SOUZA, 2019, p 48).

Eu votei por ocupar porque eu sei o quanto esses lugares como a universidade não estão à disposição de pessoas que vieram de lugares como eu, que moro na periferia (...) (PARKER, 2019, p 114).

Para Britto *et al.* (2008) a expansão do Ensino Superior a partir da década de 1990, é responsável por atender um “novo” perfil de aluno dentro das instituições. Esses “novos”, segundo o autor são alunos oriundos de um segmento social que até pouco tempo atrás não tinham acesso a Educação Superior.

Para isso, é necessário entender que o ingresso da juventude periférica nas universidades perpassa o cenário de dificuldades no acesso a educação de qualidade que vem desde a formação escolar básica, às questões como esgotamento emocional, psicológico e físico que devem ser consideradas.

Muitas das narrativas presentes nos cinco documentos analisados expressam aprendizados obtidos por meio da convivência, dos debates, das relações – tensas ou positivas entre as pessoas ali. Uma formação política para a cidadania, o preparo das pessoas para vida pública, para o enfrentamento das adversidades e situações de desigualdade e injustiça que faziam parte da rotina diária destes jovens se deu a partir do movimento de ocupação.

Souza (2019) aborda a ausência do debate de questões sociais na escola. Porém, aponta que esse debate pode estar presente em outros espaços coletivos. Um de seus entrevistados afirma: “meu primeiro contato com as causas [sociais] foi dentro da igreja, eu era, é... eu sou católica, eu tinha me afastado da igreja um pouco, quando eu voltei eu fui ser da pastoral da juventude e foi lá que eu aprendi sobre as causas dos pobres e oprimidos (...) levando mais pras causas sociais e foi a partir dali que eu fui compreender um pouco como era o mundo, questões de injustiças” (SOUZA, 2019, p. 47).

Para Gohn (2016), os jovens se engajam em ações coletivas - tanto na sociedade civil, quanto através de instituições (sociedade política) - através da identidade coletiva. No processo de ocupação, é possível observar a criação da identidade coletiva dos jovens a partir do momento em que esses passam a partilhar o mesmo espaço e descobrem a importância das ações coletivas para gerar benefícios à sociedade. A autora conclui que as lutas pela educação não servem para que se diminua o “poder” do Estado, pelo contrário, serve para cobrar o dever do mesmo em ofertar uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

Esta constatação se reforça no depoimento de estudantes de todos os estudos analisados. Parece que os ganhos destes, foram bastante intensos acerca do tema que envolve as redes comunitárias e sua relação com os fatores educacionais.

Como abordado por Castro (1999), todas as ações para se pensar a educação no novo século, se alinham em um mesmo objetivo: *“construir um sistema público de ensino democrático e com qualidade, capaz de dar suporte ao desenvolvimento sustentável do País”*. Aprender a conviver e aprender a ser são parte dos pilares defendidos no programa de Educação para o século XXI. Nesta perspectiva, a educação formal educacional não se restringe ao processo de ensino-aprendizagem voltado para o conhecimento técnico, instrumental. Abrange também a formação integral do sujeito, a formação do ser socialmente competente, nas palavras de Delors (2003), num exercício contínuo e complexo. O desenvolvimento de um processo de aprendizagem relacionado à formação integral pode ser percebido no relato a seguir:

Eu aprendi a lidar com pessoas, tipo eu aprendi a lidar com situações de alta tensão (...). Eu aprendi a lidar muito com as pessoas que eu não gostava (...) (p. 325). Na escola a gente aprende muito pouco ter relação pessoal. A gente aprende muito conteúdo e tal (p. 326).

Outro depoimento nesse sentido é o seguinte:“(...) é realmente o sentido da experiência que toca cada um e que torna as pessoas mais preparadas, abertas, ativas, vai criando qualidades de personalidade mesmo(...)” (SILVA, 2018 p.122-123).

Questões de caráter coletivo entram em debate nas ocupações, bem como a perspectiva do outro passa a ser mais considerada e sentida. Afetos e preocupações relacionadas a empatia, solidariedade, comprometimento social e político, responsabilização, escuta qualificada e atenta aparecem e são expressadas na fala a seguir:

Eu passei mais a pensar sobre o que eu fazia, sobre os meus atos, passei mais a pensar sobre minha profissão (...) Eu fiquei uma pessoa muito politizada, mas também me trouxe calma! (...) hoje minha atuação pode se dizer que é mais na conversação com os colegas, com o que tá se passando, o que pode ser feito, escuto mais opiniões contrárias, antes era muito intolerante quando alguém falava mal do que eu achava ser certo (ARAGÃO, 2019, p 40-41).

Outro estudante no estudo de Parker (2018) se refere à cumplicidade, à intimidade e ao apoio que recebiam e ofertavam uns aos outros, fator crucial para a manutenção da saúde mental e emocional do coletivo:

Era muito íntimo, a gente conversava sobre família, sobre estabilidade mental, emocional, sobre tudo. Acho que isso foi uma das coisas principais pra gente enxergar o outro (...) A ocupação foi como um resgate, foi o que sensibilizou todo mundo e nos fez enxergar a outra pessoa (p.157).

O conjunto de todos os aspectos encontrados nessas narrativas aponta o processo de ocupação como uma experiência marcante e transformadora. Uma estudante faz uma reflexão conclusiva sobre esse momento de vida :

Eu jamais vou esquecer alguns momentos que vivi, tanto para o bem quanto para o mal, sejam momentos de envolvimento político ou relacionamento (...) isso no conjunto constrói uma sociedade melhor. Já tive outras experiências coletivas, mas nunca nessa dimensão. Foi realmente um marco. Abriu muitas possibilidades (...) (Silva, 2018, p 122-123).

Ao interpretarmos a fala dos estudantes, é possível perceber como a educação exerce papel fundamental na formação do sujeito e é capaz de gerar uma maior democratização na sociedade. Para Freire (1970), o homem torna-se sujeito da realidade em que se insere, humanizando-se em busca da liberdade pela sua afirmação, enfrentando a classe dominadora e lutando contra as opressões. Para Gohn (2011), os movimentos sociais conseguem transparecer a realidade social. Quando isso acontece, os debates gerados são capazes de causar uma modificação na sociedade como um todo. A autora conclui dizendo que a participação da sociedade na luta por direitos cria um espaço que diverge do modelo neoliberal, construído a partir de exclusões e injustiças, sendo os movimentos sociais fontes e agências na produção do saber.

6.3 DEBATE E REFLEXÕES DOS MACRODETERMINANTES - CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÔMICA, CULTURAIS E AMBIENTAIS GERAIS/SUPRANACIONAIS (CONDIÇÃO DE CADA CIDADE, ESTADO OU PAÍS E O AVANÇO DA GLOBALIZAÇÃO)

Os macrodeterminantes exercem grande influência sobre os demais determinantes já discutidos neste estudo. Questões ampliadas de caráter social e político estão contidas nesse nível. Temáticas envolvendo direitos, democracia, globalização e sua influência sobre a pobreza, as condições de saúde e de vida em geral integram esta última camada (HORTALE, 2010). Neste nível, políticas macroeconômicas estão relacionadas à saúde. Políticas de trabalho e renda, de redução das desigualdades sociais e econômicas, políticas de segurança e de proteção contra a violência e aquelas voltadas ao meio ambiente e à promoção de uma cultura de paz e solidariedade são alguns exemplos (CNDSS, 2008).

A formação política se mostra presente nos documentos analisados nesta pesquisa e parece ter desencadeado um sentimento de lugar na vida pública e o

senso de responsabilidade social, bem como a percepção da importância dos espaços de participação política. Em sua pesquisa, Rosa e Sandoval (2019) discorrem sobre a fala de um entrevistado que expressa essa análise:

Tem muita gente que acha que política é só lá com os deputados e senadores e tals em Brasília e tals e os prefeitos, mas não. A nossa vida é uma política cotidiana. Assim, tá nas pequenas coisas, sabe? (...) as relações acho que é a política (p 328)

A importância da militância, da luta coletiva em defesa das políticas públicas é relatada por um estudante:

O que me levou foi pensar em um todo, não só em mim, é... não só tá no meu nível de conforto. Mas no momento, o que eu pensava era numa luta coletiva, a gente não poderia deixar as coisas andarem pelo caminho que tavam indo, que a gente tinha que fazer alguma intervenção (Aragão, 2019, p 33).

No texto de Aragão (2019), um estudante classifica os momentos da ocupação como de grande importância por dar sentido aos valores de respeito às diferenças, de aprendizado e empatia, quanto aos diferentes modos de ver e viver a vida e de conscientização das desigualdades. Toda essa apropriação em relação a tais valores parece ter dado mais sentido à ocupação e contribuído para a compreensão do porque estar ali e da importância da luta. Promover a paz e a justiça, questão relacionada aos DSS, foi pauta para esses jovens:

Então veja que tipo de sociedade tava se construindo ali. Ali eu tava junto com ateu, com protestante, gays, né? Negros, quilombolas, indígenas, então veja, pessoas é... espíritas, e estavam ali lutando com um bem comum, de todos, respeitando cada um, certo?! Então veja que importância que esse movimento teve, veja que a finalidade que se chegou, né? (ARAGÃO 2019, p. 40).

Para Sobrinho (2013), discutir educação como bem público e direito social é uma das grandes missões das IES. Para o autor, a econômica capitalista globalizada, tende a organizar a sociedade, inclusive a escolarização da população, de acordo com a demanda do mercado. Contudo, a educação não pode reduzir-se apenas a atender às demandas do mercado no sentido de impulsionar o desenvolvimento econômico. A formação em uma IES vai muito além da economia, esses espaços devem pavimentar o caminho para uma sociedade que busque o princípio democrático e o bem comum.

Gohn (2016) considera que, na atualidade, as autoridades governamentais tem tido grande dificuldade em se comunicar com os movimentos sociais, principalmente com os jovens marginalizados. Para a autora, isso se dá porque os governantes não acompanharam as mudanças nas formas de sociabilidade e comunicações em

decorrência da difusão das mídias sociais. Adicionalmente, os jovens envolvidos com causas sociais, criaram identidades coletivas e à defesa das minorias, tendo pautas relacionadas a questões como machismo, racismo, LGBTfobia, acesso à educação, à saúde e a ambientes saudáveis e se organizam de forma transnacional, a nível global.

Observamos na fala dos ocupantes o reconhecimento do que é o fazer político, a insatisfação com as autoridades que os governam, a demanda por reconhecimento dos sujeitos e humanização dos espaços, acolhendo pessoas de crenças e experiências de vida distintas. Os jovens enfatizam que os aprendizados sobre o respeito às individualidades e o trabalho coletivo foram mais significativos que a formação acadêmica tal como se apresenta. Gohn (2011) corrobora esta compreensão, quando afirma que os movimentos sociais sempre existiram e sempre existirão, pois eles representam forças sociais organizadas que unem pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividade e experimentação social. Conforme Lorencena; Gonzatti (2018) *apud* Lambertucci, (2009) , também é possível conferir aos movimentos sociais um valioso papel de contribuição para a criação e garantia de execução de políticas públicas. Para estes autores isso significa “uma mudança na relação com a sociedade civil e um autêntico reconhecimento do papel das entidades” (p. 72).

7. CONCLUSÃO

A partir da análise realizada neste trabalho, observa-se que os Determinantes Sociais de Saúde se apresentam de diversas formas nas falas dos estudantes e na opinião dos autores dos estudos selecionados. Levando em consideração o modelo proposto por Dahlgren e Whitehead é possível identificar os diferentes riscos e vulnerabilidades apresentadas e debatidas pelos ocupantes. Nos determinantes proximais observaram-se principalmente questões relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero, nos determinantes intermediários destacaram-se as redes de apoio entre os ocupantes manifestadas através da empatia e cuidado com a saúde mental, bem como o debate relacionado ao acesso à educação em seus diferentes níveis de formação. No que tange às questões relacionadas aos macrodeterminantes sociais de saúde se fez presente principalmente a exteriorização do sentimento de lugar na vida pública e o senso de responsabilidade social coletiva desses ocupantes.

Os movimentos sociais ocupam papel de destaque na manutenção dos espaços democráticos e criação de políticas públicas, podendo observar-se diversas conquistas advindas destas manifestações ao longo da história. Em relação ao movimento de ocupação estudantil de 2016, apesar do insucesso das pautas nacionais da época, observou-se variadas conquistas individuais e coletivas para além do ganho institucional e político. Com isso, é possível concluir que os espaços de debates políticos que aconteceram dentro das ocupações das instituições públicas de ensino superior no ano de 2016 ultrapassaram as barreiras técnicas profissionais, sendo capaz de avançar em determinadas pautas políticas estudantis, trazendo aos ocupantes uma maior identidade coletiva e maior sensibilização para questões relacionadas ao desenvolvimento social e econômico do país, assim como muitas trocas e aprendizados acerca dos outros determinantes sociais de saúde em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Demyhellen Araújo Souza *et al.* PARTICIPAÇÃO POLÍTICA JUVENIL: PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO CONTEXTO DE OCUPAÇÕES DE UNIVERSIDADES. *Barbarói*, v. n.53, p. 26–48, 2019.

BERGER. P. L; LUCKMANN. T. *A construção social da realidade - tratado de sociologia do conhecimento*. 22. ed. Petrópolis: [s.n.], 2002.

BERTO, Angela Barros Fonseca. RESPONSABILIDADE SOCIAL UNIVERSITÁRIA: PRINCÍPIOS E VALORES EM PROL DO DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE. *Humanas & Sociais Aplicadas*, v. 1, n. 2, 24 ago. 2011. Disponível em: <https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/229>. Acesso em: 22 jun. 2020.

BORLINI, LEANDRA MARIA. Há pedras no meio do caminho do SUS - os impactos do neoliberalismo na saúde do Brasil. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, v. 9, n. 2, p. 321–333, 2010.

BRASIL. *LEI Nº 8.080, DE 19 DE SETEMBRO DE 1990*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BRASIL. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. . DF: [s.n.], 2012. Disponível em: <www.saude.gov.br/editora>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *et al.* Conhecimento e Formação nas IES Periféricas. Perfil do aluno “novo” da Educação Superior. v. v. 13, p. 16, 2008.

BUSS, Paulo Marchiori; FILHO, Alberto Pellegrini. *A Saúde e seus Determinantes Sociais*. . [S.l: s.n.], 2007.

CARNEIRO, André Pereira; GAMBI, Thiago Fontelas Rosado. Neoliberalismo, desigualdade e democracia: discussão fundamentada nos conselhos econômicos e sociais. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, v. 23, n. 74, p. 69–88, 2018.

CARVALHO, Gilson. A saúde pública no Brasil. *Estudos Avancados*, v. 27, n. 78, p. 7–26, 2013.

CASTRO, Maria Helena Guimarães. *EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI: O DESAFIO DA QUALIDADE E DA EQUIDADE*. . Brasília: [s.n.], 1999. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

CNDSS. *AS CAUSAS SOCIAIS DAS INIQUIDADES EM SAÚDE NO BRASIL Relatório Final da Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS)*. . Brasil: [s.n.], 2008.

CORDEIRO, Alexander Magno *et al.* Revisão sistemática: Uma revisão narrativa. *Revista do Colegio Brasileiro de Cirurgioes*, v. 34, n. 6, p. 428–431, 2007.

COTTA, Rosângela Minardi Mitre *et al.* Pobreza, injustiça, e desigualdade social: repensando a formação de profissionais de saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 31, n. 3, p. 278–286, 2007.

DELORS, J. Educação: um tesouro a descobri. *Cortez*, v. 2ed., n. Capítulo 4-Os 4 pilares da

educação, p. 8, 2003.

FMI. *Maiores Economias do Mundo (PIB em trilhões de US\$ - 2013-2020 – ordem decrescente de 2014)*. [S.l.: s.n.], 2015.

FONTELLA, Anna Rosa. *PEDAGOGIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA: UM DIÁLOGO ENTRE PAULO FREIRE E BOAVENTURA SANTOS*. Ijuí : [s.n.], 2012.

FREIRE, Paulo. *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA Saberes Necessários à Prática Educativa*. 25. ed. Sao Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*. vol 23 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GALIAZZI, Maria Do Carmo; SOUSA, Robson Simplicio De. A dialética na categorização da análise textual discursiva: o movimento recursivo entre palavra e conceito. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 7, n. 13, p. 01, 30 abr. 2019. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/227>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

GOERGEN, Pedro. Ciência, sociedade e universidade. *Educação & Sociedade*, v. 19, n. 63, p. 53–79, ago. 1998.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos pela educação no Brasil. *Crítica Educativa (Sorocaba/SP)*, v. 2, p. 12, 2016. Disponível em: <<http://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/75/202>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. v. 16, p. 31, 2011.

GONÇALVES, Renata. A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NEGRAS NO ENSINO SUPERIOR. *Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, v. 12, n. 22, p. 350, 19 dez. 2018.

HOPKINS, Nick; REICHER, Stephen. *The psychology of health and well-being in mass gatherings: A review and a research agenda*. *Journal of Epidemiology and Global Health*. [S.l.]: Elsevier Ltd. , 1 jun. 2016

HORTALE, Virgínia Alonso *et al.* *Pesquisa em Saúde Coletiva: fronteiras, objetos e métodos*. 1. ed. RIO DE JANEIRO: [s.n.], 2010. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/livro/pesquisa-em-saude-coletiva-fronteiras-objetos-e-metodos>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

IPEA. *Estudo do Ipea com indicador J-divergência decompõe a desigualdade total entre as contribuições de cada faixa de renda*. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34236>. Acesso em: 14 jun. 2020.

LORENCENA, Taiane; GONZATTI, Renata Maria. A Importância Dos Novos Movimentos Sociais Para a Consolidação Da Democracia. p. 16, 2018.

MARTINS, Ana Maria Barbieri; ZIONI, Fabiola. COMUNICAÇÃO DO CONHECIMENTO EM DETERMINANTES SOCIAIS DE SAÚDE: UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, v. 7, n. 4, p. Pág.223-238, 3 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1431>>. Acesso em: 26 maio 2020.

MONTEIRO, Simone; BRIGEIRO, Mauro; BARBOSA, Regina Maria. Saúde e direitos da população trans. *Cad. Saúde Pública*, v. 35(4), p. 4, 2019.

MORAES, Roque. *UMA TEMPESTADE DE LUZ: A COMPREENSÃO POSSIBILITADA PELA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA A storm of light: comprehension made possible by discursive textual analysis*. . Bauru: [s.n.], 2003.

NEDEL, Fúlvio Borges; BASTOS, João Luiz. Para onde seguir com a pesquisa em determinantes sociais da saúde? *Revista de Saúde Pública*, v. 54:15, p. 6, 2020. Disponível em: <<http://www.rsp.fsp.usp.br/>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

NOGUEIRA, Vera Maria Ribeiro. Vista do Determinantes sociais de saúde e a ação dos assistentes sociais – um debate necessário. *Revista Serviço Social & Saúde*, v. v. X, n. 12, p. 72, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8634832/2751>>. Acesso em: 26 maio 2020.

OLIVEIRA. F. F; KLEIN. A. M; TRANSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: TRAJETÓRIAS E CONQUISTAS NO BRASIL. *Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito*, v. V. 8-Nº 01, p. 22, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/article/view/45592/22484>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

PARKER, Marcelo Xavier. *VISIBILIDADE, DELIBERAÇÃO E AFETOS: COMUNICAÇÃO E POLÍTICA NAS OCUPAÇÕES DA UFRGS EM 2016*. 2018. 302 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. *Horizontes Antropológicos*, v. 21, n. 44, p. 407–410, dez. 2015.

PNUD, Brasil. *Relatório de Desenvolvimento Humano 2015*. Disponível em: <<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RIBEIRO, Rejane Arruda; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. Outubro, 2016, Brasil - As ocupações de escolas brasileiras da rede pública pelos secundaristas: contextualização e caracterização. v. 19., p. 15, 2019.

ROSA, Leandro Amorim; SANDOVAL, Salvador Antonio Mireles. Ocupação Estudantil no Instituto Federal de Catanduva (SP): potência, desenvolvimento e práxis. *Psicologia Política*, v. 19, n. 45, p. 317–334, 2019.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. *ACTA Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. v–vi, abr. 2007.

SCHERER-WARREN, Ilse. *MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL 2013: encontros e desencontros na política*. . [S.l: s.n.], 2014.

SILVA. R. M. (DES)IGUALDADE DA MULHER: DA EDUCAÇÃO PARA O LAR À CONQUISTA POR ESPAÇO PROFISSIONAL. *Brasil Jurídico*, 2018. Disponível em: <<https://brasiljuridico.com.br/artigos/desigualdade-da-mulher-da-educacao-para-o-lar-conquista-por-espao-profissional>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SILVA, Jaqueline Barbosa Pinto. *OCUPAÇÕES/INVASÕES ESTUDANTIS DE 2016: disputas e resultados no caso da Universidade de Brasília*. 2018. 238 f. Universidade de Brasília, 2018.

SOBRINHO, José Dias. Educação superior: bem público, equidade e democratização. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, v. 18, n. 1, p. 107–126, mar. 2013.

SOUZA, C; CARVALHO, Inaiá. Reforma do Estado, descentralização e desigualdades. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 48, p. 187–212, dez. 1999.

SOUZA, L. *Trajetórias de estudantes da UFPA que participaram da ocupação estudantil de 2016 nos Campi de Altamira e Soure*. 2019. 78 f. Universidade Federal do Pará- UFPA, 2019.